Capítulo 29
A evolução do reino franco

Os francos constituíram o reino mais poderoso da Europa ocidental. Dividiam-se em *sálios*, estabelecidos perto da atual Bélgica; e *ripuários*, do Baixo Reno. No século V, penetraram na Gália do norte, na condição de aliados dos romanos.

1. Os Merovíngios (481-751)

Descendentes de Meroveu, os primeiros reis francos chamaram-se Merovíngios.

Clóvis (481-511) — Neto de Meroveu, foi o primeiro grande rei franco. Organizou uma boa administração. Em 507, liquidou os visigodos com ajuda dos burgúndios e estendeu as fronteiras do reino até os Pireneus.

Clóvis foi o verdadeiro fundador do Reino Franco. Integrou romanos (católicos) e visigodos (arianos). Para favorecer a unidade, aliou-se aos bispos da Gália. Recebera o batismo católico em Reims após bater os alamanos, acreditando que seus exércitos se salvaram graças ao Deus dos cristãos.

Funcionários reais participavam da direção dos grandes domínios, que forneciam recursos ao Estado. Nas províncias, o rei nomeava *condes*, para governar os condados.

Depois da morte de Clóvis, o reino foi dividido entre seus quatro filhos. Em 534, o território se ampliou com a anexação do Reino Burgúndio. Na Germânia, os francos passaram a dominar a Baviera, a Turíngia e a Westfália.

Clotário (558-561) — Reunificou o reino. Depois de sua morte, ocorreu nova divisão, devido ao choque entre o rei e a aristocracia. Surgiram os reinos da Austrásia, a leste, capital Reims; Neustria, a oeste, capital Paris; e Borgonha, a oeste, capital Orléans.

Clotário II (613-629) — Reunificou o reino mais uma vez. Fez concessões para obter o apoio da aristocracia. Pelo *Edito de Clotário* (614), comprometeu-se a escolher os condes entre os proprietários de terra dos condados. Os três reinos, embora unificados, conservavam certa independência. Eram supervisionados pelo prefeito do palácio, o *majordomus*, que cresceu em importância. Depois de Dagoberto (629-639), que tentou unificar o reino ainda uma vez, o poder passou para os *majordomus*.

Os *Majordomus* (640-751) — Os *majordomus* afastaram os reis, que viviam na ociosidade; eram os *reis indolentes*. Implantaram verdadeiras dinastias em cada um dos três reinos. Mas em 679, Pepino de Heristal, *majordomus* da Austrásia, afastou os da Neustria e da Borgonha e unificou o Reino Franco. Governou até 714.

Carlos Martel (714-740) — Filho de Pepino, venceu os muçulmanos e submeteu regiões do reino que continuavam independentes, como Baviera, Aquitânia e Turíngia. Morto Martel, o reino foi dividido entre seus dois filhos, mas Carlomano se retirou para um mosteiro e o poder ficou com Pepino, o Breve. Em 743, foi coroado o último rei merovíngio, Childerico III.

2. Os Carolíngios (751-987)

Com aprovação do papa Zacarias, Childerico III foi encerrado num mosteiro e Pepino, o Breve, tornou-se rei. Começava uma nova dinastia, originária da germânica Austrásia. Pepino combateu os lombardos, a pedido do papa Estêvão II. Em 756, Astolfo, rei dos lombardos, foi obrigado a ceder Ravena e a Pentápole (grupo de cinco cidades: Rimini, Pesaro, Fano, Sinigaglia e Ancona, na Itália). Pepino doou tudo ao papa, junto com o ducado de Roma. Os territórios fortaleceram a Igreja e constituíram o *Patrimônio de São Pedro*, dando origem ao Estado do Vaticano.

Pepino dividiu o reino entre os filhos Carlomano e Carlos Magno. Morto o primeiro em 771, Carlos Magno passou a governar sozinho. Expandiu o reino e deu-lhe segurança. A

chamado do papa, em 773, iniciou a ofensiva final contra os lombardos, cujo rei, Didier, abdicou. Então, Carlos Magno iniciou ofensiva contra os saxões na Germânia, mas só em 804 pôde submetê-los por completo, convertendo-os à força. Sujeitou também a Baviera e venceu os ávaros.

Seu sobrinho Rolando morreu combatendo os bascos. Os muçulmanos atacaram em Narbona. Carlos Magno os combateu e fixou as *marcas* da Espanha, ao sul dos Pireneus.

O papado, interessado em expandir a Igreja através da conversão, viu no novo reino um possível aliado. Isso explica a atitude do papa Leão III, que pediu proteção a Carlos Magno ao ser ameaçado por uma família rival. Em guerra na Saxônia, ele dirigiu-se a Roma e repôs Leão III no trono. Na missa de Natal de 800, o papa colocou sobre a cabeça de Carlos Magno o diadema dos antigos imperadores romanos e pronunciou a célebre frase: "A Carlos, Augusto, coroado por Deus, grande e pacífico imperador dos romanos, vida e vitória".

Acabava de ressuscitar o Império Romano do Ocidente. O Império Bizantino só reconheceu o título em 812. Para tanto, Miguel I exigiu a cessão da Ístria e da Dalmácia.

O Império Carolíngio tinha administração simples e eficiente. Os recursos vinham dos grandes domínios. Carlos exercia o poder central. O território dividia-se em 200 condados. Uma vez por ano, Carlos realizava a Assembléia Geral dos Nobres. Não havia distinção entre bens do Estado e bens do imperador.

Representando o imperador, emissários percorriam os domínios. Uma de suas funções era impor aos condes e homens livres o *juramento de fidelidade* ao imperador. Tratava-se de um feudalismo centralizado. Havia leis, as *capitulares* (aprovadas por um capítulo, ou conselho de representantes), as primeiras leis escritas da Idade Média. Mas Carlos respeitava os usos e costumes de cada território conquistado. Era ele também o chefe da Igreja. Nomeava bispos e abades, integrando Igreja e Estado num só corpo.

A segurança criou condições para o desenvolvimento econômico. Surgiram feiras por todo o Império. O centro de produção dessa economia agrária era a vila. Havia movimentado comércio nos centros urbanos, alguns com mais de 5 000 habitantes.

3. Renascimento Cultural e desintegração

Carlos Magno promoveu um Renascimento Cultural. Criou escolas; os nobres deviam aprender a ler e escrever, o que Carlos Magno não conseguiu, apesar de ter freqüentado escola e falar latim e grego. No palácio, cercou-se de homens cultos, como Pedro de Pisa, Eginhard e Alcuíno de York, fundador da escola palatina (palaciana), que ensinava gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria e música. Esses homens também traduziram obras como a *Vida dos Doze Césares*, do historiador romano Suetônio. Esse Renascimento transmitiu aos séculos posteriores o conhecimento do passado, que se teria perdido.

Nas artes, destacou-se a construção de igrejas no estilo bizantino. Mas a marca artística inconfundível está na ourivesaria, na ilustração de manuscritos e breviários.

Ao morrer, em 814, Carlos Magno deixou um herdeiro, Luís, o Piedoso, que governou até 840. Luís tinha três filhos e, na hora da sucessão, houve complicações. A herança cabia ao filho mais velho, Lotário. Os filhos mais novos se apoiaram num costume germânico que determinava a divisão do reino. A disputa terminou em luta armada e, pelo Tratado de Verdun (843), Lotário aceitou a divisão do império: França ocidental, pertencente a Carlos, o Calvo; França oriental, a Luís, o Germânico; e França central, a Lotário. Com a morte dos herdeiros de Lotário em 870, Luís e Carlos repartiram a França central, exceto a Itália, que passou aos duques italianos.

A história da França começa em 843 com Carlos, o Calvo. Carlos recusou a dignidade imperial porque não tinha condições de proteger Igreja e Império contra os muçulmanos. Em 877, estabeleceu o princípio da hereditariedade dos feudos, o que fortaleceu o sistema feudal.

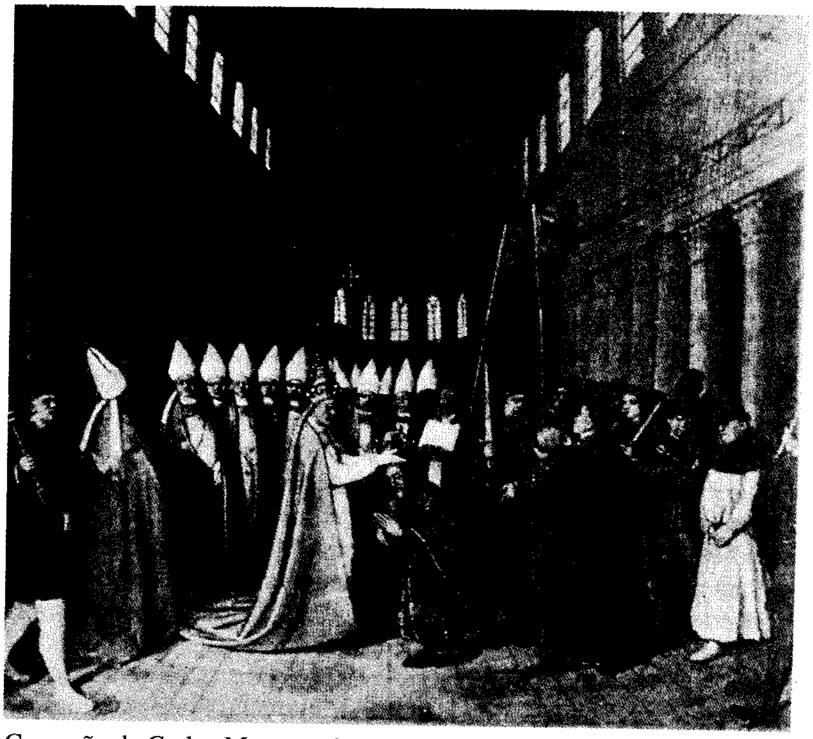
A luta entre os herdeiros de Luís, o Piedoso, coincidiu com a invasão dos normandos. Eles devastaram o país, favorecendo o surgimento de formas de poder local, nos feudos, característica principal do feudalismo do ponto de vista político.

Alguns nobres se sobressaíam na luta contra os normandos, como Roberto, o Forte. Em 987, com a morte de Luís V, os descendentes de Roberto e outros nobres elegeram Hugo Capeto para o governo da França ocidental: estava inaugurada a Dinastia dos Capetíngios.

Na França oriental, os descendentes de Luís, o Germânico, ficaram no trono até 911. Com a morte de Luís, o Infante, os grão-duques alemães da Saxônia, Francônia, Baviera e Suábia fundaram o Reino Germânico, com monarquia eletiva: os quatro duques elegiam um deles para o trono.

Questões propostas

1. Por que se chamavam Merovíngios os primeiros reis francos e qual foi o principal deles?
2. Quem foram os *majordomus*? Como se explica a ascensão deles?
3. Quem iniciou a Dinastia Carolíngia? Resuma seu reinado.
4. Que destino tomou o Reino Franco após a morte de Carlos Magno?
5. Resuma a desintegração do Império: na França ocidental; na França oriental.



Coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III, na noite de Natal do ano 800, na basílica de São Pedro, em Roma.